



PRESERVAR A UNIDADE DO MUNDO

A função do poeta e do artista em geral é preservar a unidade do mundo. Em tempos antigos, acreditava-se que, numa primeira fase, as almas se recolhiam ao seu interior mais profundo para trazerem, para a luz da superfície, o fogo que dentro

delas ardia. As almas debatiam-se com o fogo e acabavam por transformá-lo numa ferramenta que ajudava a viver.

De igual forma, sempre que fazemos um trabalho interior sério, estamos a forjar ferramentas que são automaticamente colocadas ao serviço das outras pessoas. Assim como o corpo físico necessita de células saudáveis para se manter vivo, também o Universo necessita de almas saudáveis para continuar a existir. Podemos, por conseguinte, afirmar que estamos a contribuir para o bem-estar do Universo sempre que olhamos para dentro de nós com consciência: ao cuidarmos da parte, cuidamos do Todo.

A história que se segue fala da força de vida que impregna tudo quanto existe e de como cada um de nós é chamado a preservar a unidade do mundo. É contada por um membro dos Ojíbuas, uma tribo que se fixou na região dos Grandes Lagos, nos Estados Unidos e no Canadá.

Conta-se que o Grande Espírito estava com muita dificuldade em manter a unidade do mundo. Foi então que apareceu uma lagarta pequenina, alegando que poderia ajudar. Ciente de que o segredo da vida estava presente em toda a existência, o Grande Espírito aceitou de bom grado a ajuda e disse:

— Ajuda-nos, então, pequena lagarta.

Então, a pequena lagarta começou a fiar fios de seda tão delicados que mal se viam, criando, dessa forma, uma finíssima teia que interligava toda a criação. O Grande Espírito sorriu e o Seu sorriso iluminou a Terra inteira, tornando a teia visível, ainda que por breves instantes. O Grande Espírito estava maravilhado com o dom daquela pequena lagarta diligente. Na verdade, ela não estava a fazer nada de particularmente notável; estava simplesmente a ser e a fazer aquilo para que tinha sido criada: movimentando-se lentamente, fiando, a partir do seu interior, o delicado fio que mantém a unidade de tudo quanto existe. Foi então que o Grande Espírito disse à pequena lagarta:

— Tu salvaste-nos, pequena lagarta, não por seres genial, mas tão só porque te mantiveste fiel à tua natureza profunda. Vou, por isso, deixar-te viver para todo o sempre.

A pequena lagarta ficou espantada e sentiu algum medo. O Grande Espírito reparou na sua reação e disse:

– Não queres viver para sempre?

A pequena lagarta aproximou-se devagarinho:

– Oh, Pai, receio o que poderá vir a acontecer-me se eu não conseguir crescer.

O Grande Espírito sorriu de novo perante a sabedoria de uma das Suas mais pequenas criaturas.

– Muito bem, pequena lagarta, vou então deixar-te crescer para todo o sempre. Vou dar-te a capacidade de fiar este fio precioso que tudo une à tua volta. E quando conseguires recolher-te para dentro dessa teia e aí permaneceres, quieta, em silêncio, então conhecerás a leveza do ser que eu conheço.

A pequena lagarta fez-Lhe uma vénia e começou à procura de uma folha onde pudesse crescer. E foi assim que o Grande Espírito permitiu à lagarta tecer o primeiro casulo, de cujo interior – tranquilo e silencioso – surgiu a primeira borboleta.

Esta história ilustra como vivemos na interdependência – uns dos outros e de tudo o que nos rodeia. A unidade do mundo nasce do simples facto de estarmos vivos, a fiar, a partir do nosso interior, o delicado fio que nos mantém ligados a tudo e a todos. Esta história conta-nos como a experiência da Eternidade é possível se nos permitirmos mergulhar no interior dessa finíssima teia de ligações.

Com a humildade de uma pequena lagarta, cabe a cada um de nós trabalhar a sua experiência – de dor, frustração, confusão ou encantamento – e transformá-la em fios de seda. Numa primeira fase, há que estabelecer conexões entre a nossa experiência e o todo e, depois, fazer um casulo a partir dessas conexões; por último, há que entrar nesse casulo de experiência. A história diz-nos que, se nos aquietarmos por um tempo suficientemente longo no interior da teia de tudo o que existe, acabaremos por conhecer a leveza da existência de Deus. A nossa tarefa é, por conseguinte, a de tecer e consertar os fios: por mal que se vejam, é a eles que se deve a unidade da existência.